



**CONTÍNUAS  
RECONEXÕES DA  
CONSTRUÇÃO**

*Marcilene de Souza Alves*



**Marcilene de Souza Alves**

**CONTÍNUAS  
RECONEXÕES DA  
CONSTRUÇÃO**

Belo Horizonte | 2018



Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)  
Escola de Belas Artes | Departamento de Artes Gráficas

Agadeço aos meus familiares e amigos pelo incentivo durante todo o meu percurso artístico, aos professores que contribuíram para o meu processo de aprendizagem dentro da universidade, em especial, agradeço aos orientadores: Eugênio Paccelli e Vlad Poenaru pela dedicação durante o desenvolvimento deste trabalho, ao meu amigo Thiago Amormino pela belíssima diagramação e à Márcia Alves pela correção dos textos.

# CONTÍNUAS RECONEXÕES DA CONSTRUÇÃO

**Marcilene de Souza Alves**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)  
Bacharelado em Artes Visuais com habilitação de Artes Gráficas

**Orientadores: Eugênio Paccelli Horta e Vlad Eugen Poenaru**





## apresentação

Este trabalho destaca a construção da cidade, seus contornos, sua organicidade e beleza. O campo de obras, cenário constante em uma cidade viva, é por si só uma obra de arte, por vezes abstrata e também figurativa, mas sempre intrigante. Os acontecimentos do cotidiano podem ser percebidos como uma grande performance. Situações corriqueiras ou inesperadas e até mesmo a maneira como se improvisa para que tudo flua pode ser compreendido de forma teatral e performática. Enquanto outras intervenções artísticas surgem a todo instante como, por exemplo, o grafite que muda a pele

da cidade e a faz mostrar-se em camadas de expressões; a própria música; danças de rua que transformam algumas partes da cidade em verdadeiros espaços de espetáculos a céu aberto. Dessa forma, toda a cidade é utilizada como suporte para que seus habitantes descarreguem nela sua expressividade. Portanto, a construção é uma maneira de se utilizar a cidade como estrutura para experimentos a serem mostrados ao público. Além disso, o modo de se viver e de se relacionar no cotidiano e na interação entre as pessoas e o espaço faz parte do envolvimento entre público e obra.



**A cidade inquieta se farta de sua aparência e muda.**

**Muda a rua, muda a rota, o roteiro e o destino de quem vai.**

**Vai e vem, num trafegar sem fim.**

**Chove chuva, alaga rua, inunda tudo, molha tudo, seca tudo.**

**Lixo vira massa que para o bueiro vai...**

**Vai e vai num entulhar sem fim.**



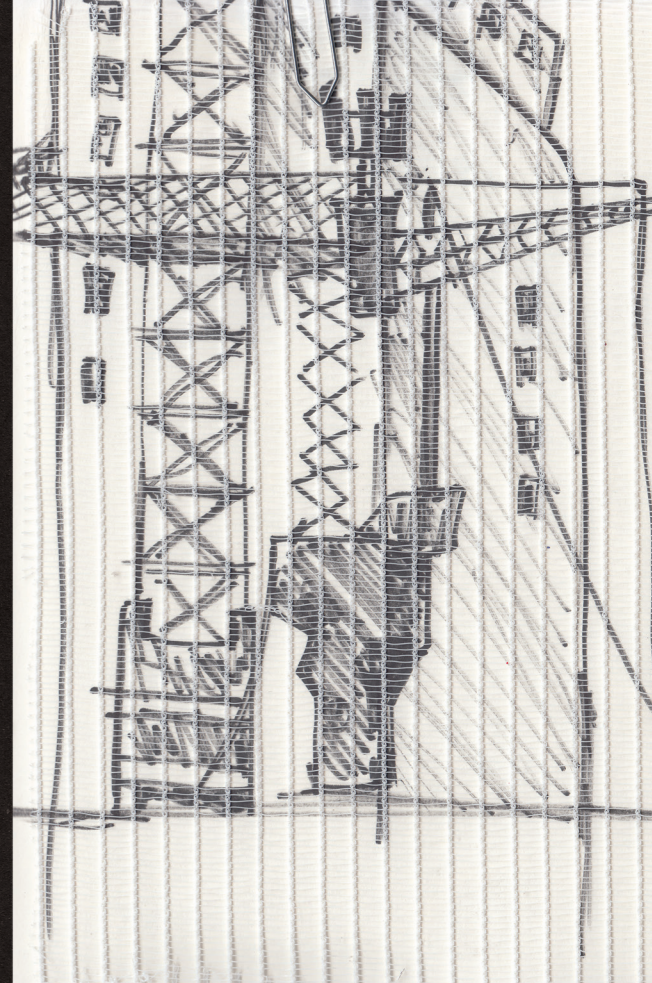
Gente chega,  
gente volta,  
viaja,  
retorna,  
muda...

Muda casa, muda a rota e constrói, destrói e as coisas começam a

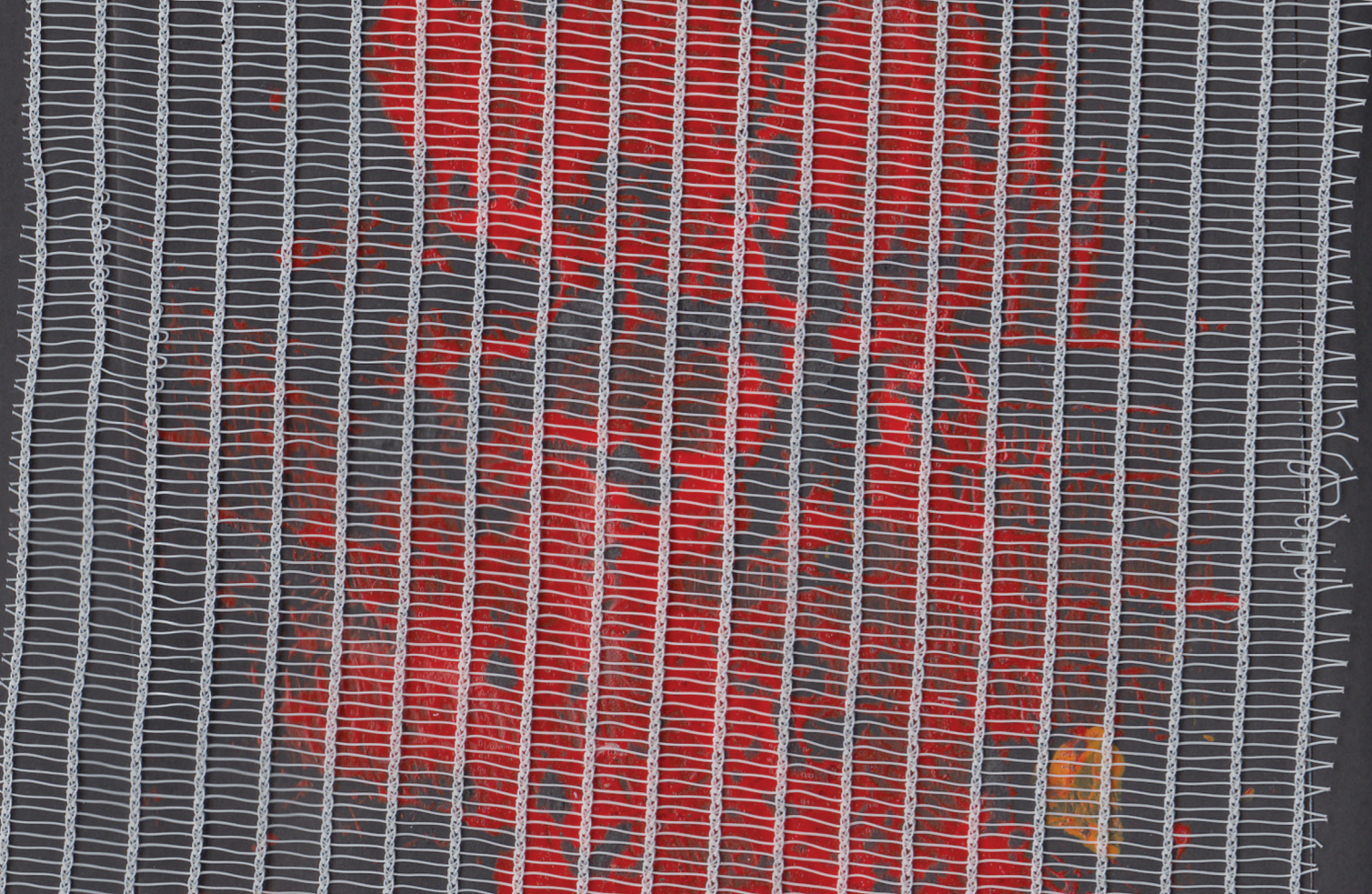
**desaparecer**

Some  
gente,  
casa,  
vila,  
rua,

enquanto  
prédios se  
vestem de  
noiva...







São muitos encobertos cidade afora,  
é a proposta do novo!

E logo, logo ninguém se lembra do que  
desapareceu, enquanto prédios se cobrem num  
véu de renda e vão tecendo sua nova construção.

Tudo ali, *escondidinho...*

Guardam-se para se mostrarem mais belos,  
de acordo com o novo "belo",  
que também mudará.

Art déco... Art nouveau...  
É a última moda, é chique!

*Opa, opa... Isso aí já não se usa mais.*

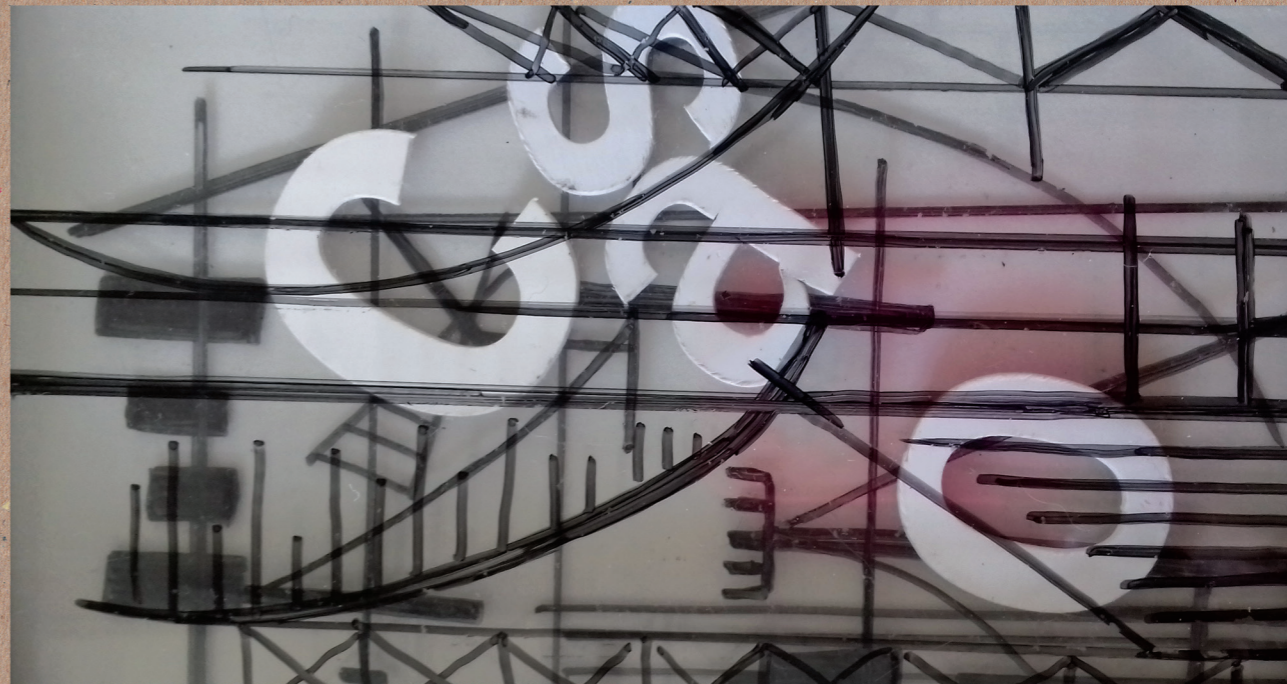


E lá se vão mais tijolos ladeira abaixo, fumaça,

im  
plo  
sã  
O...

Os espaços ociosos vão dando  
lugar às construções  
híbridas, que brotam para  
ocupar as antigas ocas...

Afinal, agora a moda é  
habitar cubos.





Siga, suba, prossiga e construa.

Este é o lema...

Foi daí que veio o lego?

Isso não sei, mas cada um botou um bloco, cada um mexe um bocado e dá à cidade sua contribuição.

Fabricam puxadinhos que desafiam as leis da física... E, que se puxar cai.

E a cidade ganha novo formato, nova Arquitetura e história para contar...

Mas ela se cansa, se farta de sua própria cara e se adequa ao novo, ao moderno...

E assim desaparecem condomínios e edifícios inteiros. Histórias também...

Belas histórias, mas, a cidade se renova e o que é velho desaparece.

*Esta é a regra do jogo*

# Renovação, Reconstrução, Repaginação...

E esse re, re, re sem fim que mais parece uma risada, parece rir também de mim.



E eu pergunto: Cadê?

Desapareceu.

Não existe mais!

Renovou, rejuveneceu... E lá está o re, re, re novamente a ditar suas sarcásticas regras do novo mundo velho.

Dormimos e acordamos sob o ruídoda britadeira.

A vida no campo é mais silenciosa, mas só vamos lá para passear.

O caos é aqui, mas o barulho já nem se nota mais. Afinal, tem sempre uma placa tranquilizadora dizendo:

“Desculpe-nos o transtorno...” e fica tudo bem perante o “Ohhhh!”, pelo que brotou do concreto.

# ENQUANTO ISSO VIADUTOS DE S P E M...

A  
C

Tem gente brincando de Engenheiro? Não, não, estão apenas deixando sua contribuição, lembra?

Esse negócio de que a cidade é de todos, deixa a Arquitetura um pouco abstrata...

Enquanto isso some gente, carros, casas, assuntos que geram um burburinho, mas que, como todos sabem, desaparecem também.

N

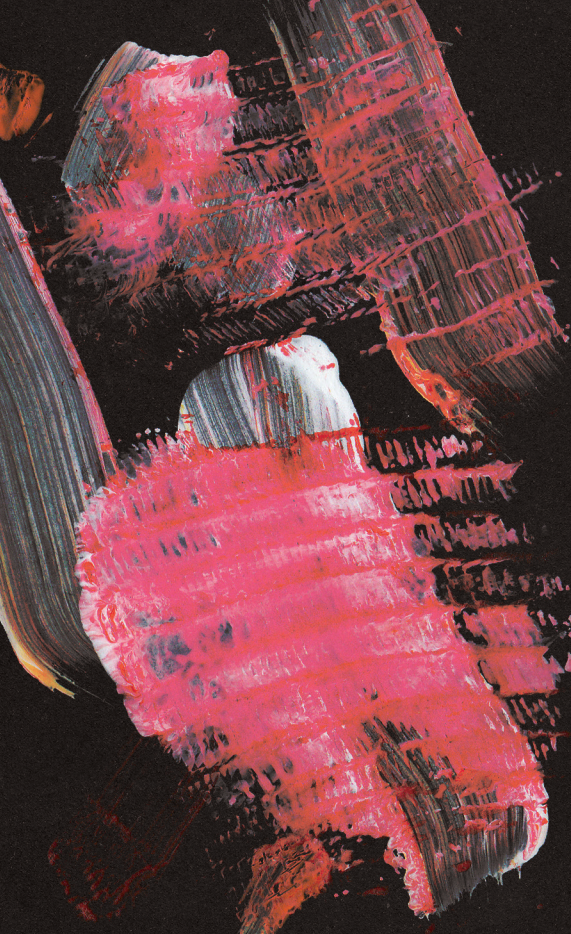




*Enquanto isso véus impregnados de poeira e rua bailam silenciosos cidade afora.*

**E na manhã seguinte, lá estão imponentes sacudindo-se  
ao som dos carros em meio ao caos.**





A cada dia um prédio a mais se veste de noiva  
anunciando a renovação.

E o caos continua: furadeira e britadeira num *trá,*  
*trá, trá* infinito, enquanto gente trafega tagarelando,  
indo, voltando, se desgastando feito máquinas,  
enquanto as mesmas estão ligadas à todo momento  
para substituírem cada vez mais o ser humano.

Estão lá, construindo e demolindo casas que serão  
reconstruídas para sanar a necessidade caprichosa e,  
ao mesmo tempo, ceder aos caprichos da população.

*Que também desaparece...*





Some gente pelas ruas, enquanto gente pede ajuda à multidão.

**Ei, olha pra mim!**

Aqui embaixo...

Enquanto isso, gente desaparece lentamente. Estes, a cidade vai engolindo aos poucos dia após dia... Esta mesma cidade vomita lixo, devolvendo generosa tudo aquilo que nós a obrigamos engolir.



# Quando chove

O transbote público bóia na Cristiano Machado... Ai, meu deus.

## Falta de planejamento?

Construímos a Cidade em cima de um rio.

Não, não, são apenas pessoas dando à cidade a sua contribuição.

Agora temos piscina, basta chover, olha o lado lucrativo, isso encarece o condomínio.

Quando chove molha tudo, inunda tudo, bóia lixo, bueiro transborda...

E lá está a cidade mostrando sutilmente que está ali, **viva,**

devolvendo em dobro, generosa, água e lixo em forma de onda

que inunda e transborda.

Cada um tem um tipo de mobília

no seu lugar ao sol... E chuva também!



Enquanto isso carros desfilam  
cidade afóra.

Trafegam ruelas, porcas e parafusos,  
ladeiras, vilarejos e alamedas também.

Num vai e vem sem fim...  
Leva mobília, deixa mobília...

Isso tá velho! Deixa pra mim!

E o que para uns não serve mais,  
para outros é um achado!

Entre puxadinhos e luxuosos prédios o  
que não serve mais, para alguns trata-se  
da melhor oportunidade.

Prédios se vestem de noiva para  
se adequarem, se venderem, se  
reformarem e depois, ironicamente  
permanecerem vazios esperando  
alguém alugar...

Entre em puxadinhos e luxuosos  
prédios, pois, em alguns habitam  
apenas pombos.

*Em outros, há pessoas e pessoas.*







Gente troca de prédio, muda de lado,  
de vida, de cidade, de país.

E deixa pra trás o que já não o faz mais feliz.

Transportam tudo: gato e sapato...  
E a cidade fica à mercê dessa indecisão.

A cidade muda a cara, troca de pele,  
mecanismo, movimento, ofícios da construção!

E se constrói de tudo, até catracas, que barram a  
entrada até mesmo de quem a construiu.

*“Tá vendo aquele edifício, moço?  
Eu também trabalhei lá”*

*As mesmas mãos que “tecem casarões”,  
residem em becos e ruelas.*



Têm a liberdade de ir e vir, mas pela porta dos fundos, e maleta na mão... Maleta, marreta, areia, arreira e te bota no prumo, pra tu achar o teu lugar!

Como é mesmo aquele ditado? Em casa de pedreiro o barraco é de madeira? Ah, não lembro bem, mas afinal, que importância tem? Você tem mesmo é que trabalhar para chegar lá.

Moradia, puxadinho, barracão, sobradinho, quitinete, residência, hotel, casa, cortiço, apê, condomínio e mansão...

*Mas, quando é mesmo que se chega lá, se por aqui*

*se constrói para destruir e se destrói para construir?*

*Penso com dúvidas... E martelo na mão.*





## considerações finais

É impossível não salientar o desaparecimento de coisas que estavam presentes em nosso cotidiano. É imprescindível destacar o desaparecimento de pessoas em uma cidade que também desaparece sob nossos olhos, enquanto se reconstrói como num passe de mágica. Ou simplesmente como uma cobra que naturalmente troca de pele. No entanto, é natural que tais mudanças passem despercebidas em meio ao turbilhão de acontecimentos do dia a dia. Para tanto é preciso olhar. Não apenas ver ou observar, mas perceber e sentir. Afinal, um campo de obras é também lugar de se apreciar. Um cenário com

objetos intrigantes que muda a cada instante, uma obra de arte que quando o apreciador pisca já se transformou. Várias facetas do mesmo objeto ou várias versões da mesma cena. Como o Click da máquina de um fotógrafo. O que seria da cidade sem o registro fotográfico, sem as memórias? Como era mesmo a Avenida Antônio Carlos antes de ser pista dupla? Com certeza era caótica. Melhorou. Houve desapropriações. Pessoas, lojas e casas desapareceram dali. Com o tempo também sumiram orelhões, as caixas de coleta dos correios sumiram das calçadas. Também pudera ninguém mais manda carta.

Após a propagação das mensagens eletrônicas as cartas estão cada vez mais escassas. E com a praticidade que os celulares proporcionam aos seus usuários, é raro encontrar um orelhão que funcione. Agora o que as pessoas necessitam é de tomadas com carregadores públicos pelas ruas. Afinal, sem energia falta também bateria e a comunicação desaparece. Esse turbilhão de desaparecimentos e reaparecimentos torna a cidade instável. Cada um é capaz de perceber a cidade de um jeito único, e suas cenas em flashes como obras de arte que partem de sua própria percepção. A construção desenfreada e a

inconstância do construir e destruir propiciam o desaparecimento e o reaparecimento das coisas. Ninguém sabe quem dita as regras. Olha-se pelas janelas dos carros, das casas, dos ônibus e nota-se a cidade. Vê-se que está tudo ali, mas não se pode garantir por quanto tempo ainda estará. Percebe-se que o mesmo trajeto observado todos os dias pode apresentar novidades a todo instante. ■



## referências bibliográficas

AMBROZEWICZ, Paulo Henrique Laporte. *Construção de Edifícios. Do Início ao Fim da Obra*. 1ª Edição. Belo Horizonte: Pini, 2015.

BORDES, Juan. *Exposición los juguetes de las vanguardias: Málaga, del 4 de octubre de 2010 al 30 de enero de 2011*. 1ª Edição. Espanha: Museo Picasso Málaga, 2010.

QUALHARINI, Eduardo Linhares. *Canteiro de Obras: Volume 1 (Coleção Construção Civil na Prática)*. Rio de Janeiro: Elsevier Editora Ltda., 2017.

KUKAN, Sokudo. *Sokudo Kukan: Interior Design in Japan*. 1ª edição. Japão: Rikuyo-Sha Publication, 1990.

*Revista Polônia*. Março/1962. Páginas 9, 10 e 11.







UF *m* G

UNIVERSIDADE FEDERAL  
DE MINAS GERAIS